



A CULTURA LÚDICA DE INFÂNCIA NA MEMÓRIA DE VELHOS: UMA REMEMORAÇÃO COM REFERÊNCIA NOS REGISTROS DA OBRA DE FRANKLIN CASCAES¹

Francisco Emílio de Medeiros

Ana Márcia Silva

Maurício Roberto da Silva

RESUMO

Investigação desenvolvida com base na História Oral que buscou responder aos seguintes objetivos: caracterizar a experiência de infância na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina (BR) e dos Açores (PT), por meio de entrevistas em profundidade, a partir dos registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes; e, perceber se os velhos ilhéus conheciam ou compartilhavam a cultura lúdica contida nos registros do artista-folclorista. As dimensões lúdicas da experiência de infância foram caracterizadas por brinquedos e brincadeiras que imitavam o mundo adulto; por um local de infância com uma imensidão de espaço para brincar a “rédeas soltas”; pelo reconhecimento dos entrevistados dos registros de brinquedos e brincadeiras feitos por Franklin Cascaes.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Memória; Brinquedos; Brincadeiras.

INTRODUÇÃO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O interesse em pesquisar as dimensões lúdicas da experiência de infância que pode ser evocada na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”², tendo por referência os registros de brinquedos e brincadeiras contidos na obra de Franklin Cascaes³, relaciona-se à curiosidade de conhecer um tempo e espaço dessa infância na Ilha de Santa Catarina, anterior ao intenso processo de modernização e urbanização ocorrido a partir da metade do século passado.

O termo: “velhos”, usado nessa investigação, diz respeito àqueles sujeitos que são possuidores de um rico e inestimável universo de experiências acumuladas ao longo de suas vidas. Também são aqueles sujeitos tidos como guardiões da memória e bons guias para se

¹ Esta investigação constitui parte de tese de doutorado e contou com apoio financeiro da CAPES.

² Açorianos de “Além-Mar”, ou Açores “Além-Mar”, bem como açorianos “Daqui”, ou Açores “Aqui” são expressões utilizadas no texto para fazer referência à ligação sócio-histórica-cultural entre a Ilha de Santa Catarina (BR) e as Ilhas do Arquipélago dos Açores (PT), desde o processo de colonização da Ilha de Santa Catarina que acolheu um expressivo fluxo migratório de casais açorianos e madeirenses ocorrido, em especial, em meados do século XVIII.

³ Folclorista estudioso da cultura tradicional da Ilha de Santa Catarina que deixou grande acervo constituído de mais de 2.700 peças – entre desenhos, manuscritos e conjuntos de esculturas em argila - atualmente sobre a guarda do Museu Universitário “Osvaldo Rodrigues Cabral”, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As imagens fotografadas e digitalizadas do acervo de Cascaes utilizadas neste manuscrito já haviam sido autorizadas pela Direção do respectivo Museu por ocasião do desenvolvimento da pesquisa de doutorado.

fazer um retorno aos tempos de outrora e capazes de ajudar na tarefa de realizar outras interpretações do passado e do presente num só tempo, contrapondo-se, desse modo, a visões ideológicas contemporâneas com termos como “idosos” ou “terceira idade”. Gusmão (2003, p. 23) fortifica esta argumentação ao dizer que a sociedade moderna, tomada por uma concepção de tempo presente e fugaz, nega “[...] a voz dos velhos e suas experiências e, se faz algoz da criança e de sua infância. Um porque já não é mais – adulto, capaz, produtivo – outro, porque ainda não é – adulto, capaz, produtivo [...]”.

Trata-se de seguir, aqui, as pistas deixadas por Benjamin (1994, p. 224), ao propor que articular “[...] historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Ou, como expõe Gagnebin (2008, p. 66), trata-se da busca por [...] uma nova apreensão conjunta do passado e do presente, uma intensificação do tempo que permite salvar do passado outra coisa que sua imagem habitual, aquela que a narração vigente da história – pessoal ou coletiva – sempre repete, aquilo que a memória domesticada sempre conta.

Nesta investigação, via memória dos velhos e dos registros de brinquedos e brincadeiras contidos na obra de Franklin Cascaes, buscou-se por “elementos soterrados” no passado, relativos às dimensões lúdicas da experiência de infância, visando reconhecê-las, re-interpretá-las e retomá-las no tempo presente.

Este interesse volta-se para uma época em que o processo de modernização e urbanização ainda não provocava, na Ilha de Santa Catarina, consequências e transformações tão drásticas como as que ocorrem na atualidade. Trata-se da possibilidade de poder voltar para um passado não tão distante e tentar apreender e interpretar, a partir da memória das crianças do passado, velhos ilhéus de hoje, a dimensão lúdica da experiência de infância. Como menciona Bosi (2003, p.23-24), em relação ao tempo vivo da memória: “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam.”

Visando buscar respostas à questão investigativa foram demarcados os seguintes objetivos: *caracterizar as dimensões lúdicas da experiência de infância escavadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e dos Açores, a partir dos registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes; e perceber se os sujeitos investigados conheciam ou compartilhavam da cultura lúdica registrada por Franklin Cascaes, bem como conhecer ainda outros brinquedos e outras brincadeiras presentes na*

memória dos velhos entrevistados. Para responder a esses objetivos, três campos empíricos foram estabelecidos com dezenove entrevistas realizadas, quinze feitas na Ilha de Santa Catarina e quatro nas Ilhas de São Miguel e Terceira, no Arquipélago dos Açores, com critérios de escolha relacionados à distribuição geográfica, perfil sócio-laboral das famílias e de gênero, com sujeitos nascidos entre os anos 1930 e 1950 do século passado entre os doze distritos administrativos das quatro grandes regiões da Ilha de Santa Catarina. Os depoimentos foram colhidos com referência na História Oral. Esta concebida como a arte de ouvir e de tornar conhecidas as pessoas ouvidas. O pesquisador que usa a História Oral sabe ouvir não apenas o que é falado pelo entrevistado, mas também o contexto em que se dá a entrevista. Para Portelli (1997) quem está falando também está interpretando. Acrescenta que a fala é uma interpretação e que qualquer discurso proferido sobre um conteúdo é uma interpretação do mesmo, pois entende que o discurso é interpretação e todo entrevistado, quando discursa, interpreta, sendo que este discurso é representativo.

Muitos dos entrevistados⁴ do campo empírico exploratório e do campo empírico “Açores Aqui” conheceram Franklin Cascaes, inclusive, dois (Seu Manuel e Seu Bento) foram seus alunos na Escola Industrial⁵, onde Franklin Cascaes foi professor lecionando durante muito tempo desenho e escultura. Outros entrevistados (Seu Virgilino, Dona Lucimar, Seu Antônio e Dona Dinoca, Seu Noquinho e Seu Joaquim, por exemplo) lembraram-se do pesquisador em suas passagens pelas localidades interioranas colhendo histórias e registrando a vida simples destes lugares. Houve também quem (Seu Valdemar e Dona Maroca) se lembrasse das armações de presépio de Natal que Cascaes costumava realizar embaixo da Figueira da Praça XV de Novembro, no Centro de Florianópolis.

O campo exploratório foi composto pela busca e tomada de conhecimento da obra de Franklin Cascaes, seguida da materialização da entrevista exploratória com Seu Manuel, reconhecidamente na cidade por se dedicar a estudos e documentação da cultura de origem açoriana na Ilha de Santa Catarina. A exploração dos elementos da obra do artista-floclorista Cascaes, em particular, os registros de brinquedos e brincadeiras, especialmente fotografias antigas, tal como no exemplo abaixo nas Figuras 1 e 2, constituiu um primeiro momento importante que permitiu maior familiaridade com a riqueza destes materiais.

⁴ Os nomes dos entrevistados aqui utilizados são fictícios para preservar o sigilo de suas identidades.

⁵ Na Escola Industrial, hoje Instituto Federal de Santa Catarina, Franklin Cascaes foi professor de desenho, escultura, modelagem e trabalhos manuais entre os anos de 1941 a 1970. Ver a pesquisa de mestrado da historiadora Denise Araujo Meira.

Dessa fase exploratória emergiu um conjunto de unidades temáticas a priori: experiência, infância-velhice, cultura lúdica, a obra de Franklin Cascaes e tradição-modernidade; bem como unidades temáticas ou categorias empíricas que foram assim expressas: imagem e memória; descrição do modo de brincar; diferentes concepções de infância; folgado infantil como indutor de valores morais de comportamentos; descrição do local de infância; processo de construção dos brinquedos; diferenciação dos brinquedos e das brincadeiras para meninos e meninas; cantigas de roda; relação entre as brincadeiras e o exercício físico; influência de jornais e revistas e a época das competições esportivas; conjunto de brinquedos e brincadeiras institucionalizadas na comunidade; boi de mamão – brincadeira de criança nas férias escolares de verão.

Figuras 1 e 2 – Menino soltando pandorga e Menino jogando pião.



Fonte: Coleção “Elizabeth Pavan Cascaes” – Museu Universitário “Oswaldo Rodrigues Cabral” (s/d) - UFSC.

O campo empírico “Açores Aqui” ocorreu entre março e outubro de 2009, no período seguinte à finalização da fase exploratória da investigação. O trabalho de campo no Arquipélago dos Açores (PT), nas Ilhas de São Miguel e Terceira, ocorreu entre novembro de 2009 e fevereiro de 2010. A realização deste pequeno campo, após ter ocorrido o campo empírico “Açores Aqui”, teve por propósito conhecer o rol de brinquedos e brincadeiras da cultura lúdica praticada nas ilhas açorianas de “Além-Mar”, entre 1930 e 1950, por conta de importante influência no processo de povoamento e colonização da Ilha de Santa Catarina, com ressonância sobre as gerações atuais de seus descendentes, conforme assinala a obra de Franklin Cascaes.

PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA

A brincadeira com referência no mundo adulto, uma das dimensões analisadas e um dos principais achados da pesquisa, caracterizou-se como uma re-criação ou transformação imaginária do brinquedo realizada pelas crianças em sua capacidade imaginativa e criativa como identificado nas narrativas, enfatizado por entrevistados de que no passado as crianças brincavam com o que tinham ao seu redor, em contraste com a fartura de brinquedos à disposição das crianças na época atual. O entorno das crianças daquele tempo estava sujeito à intervenção e ao poder da imaginação infantil, como sustenta o seguinte pensamento de Benjamin (2002, p. 93): “A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda.” Diferentemente na atualidade, a literatura indica que as crianças parecem estar mais sujeitas à influência ideológica dos padrões culturais estabelecidos pelo consumo de brinquedos. As gerações atuais de crianças são concebidas pela indústria cultural como consumidores de brinquedos, além de se buscar transformá-las em “[...] sujeitos passivos da ação.” (OLIVEIRA, 1986, p. 91).

Ainda nessa primeira dimensão, encontra-se uma segunda característica com a vinculação da brincadeira como uma preparação para a vida adulta ou com forte referência no mundo adulto. Em vários depoimentos foi recorrente a ideia de que a infância era um tempo de ser criança, mas também um tempo de aprender o que os adultos faziam. As brincadeiras de casinha e de bonecas são bons exemplos desta característica recorrente em muitos depoimentos. Um destaque é a narrativa de Seu Manuel onde identifica-se uma vinculação da brincadeira de seu tempo de infância como que indutora de valores morais e de comportamentos, educando as crianças para serem futuros adultos, desempenhando, em sua perspectiva, uma função utilitarista: “[...] *todo folguedo infantil, que toda história infantil, todas as narrativas tinham o objetivo de induzir comportamentos,[...] tudo era pedagógico, vamos ensinar o jovem a ser obediente, a ser disciplinado, a ser respeitador [...]*” (*Seu Manuel – em 25/09/2008*). Por fim, a referência no mundo adulto dessa dimensão da brincadeira foi caracterizada, num só tempo, como lugar de imaginação e de elaboração de brinquedos. Alguns entrevistados destacaram a importância do ambiente e de pessoas que criam um “espírito vivo” capaz de propiciar o aparecimento de dimensões humanas, como a imaginação, indispensáveis ao processo criativo, constituiu uma dimensão lúdica da experiência de infância entre os depoentes, tal como na expressão proferida por Seu Virgílio: “*E brincava mesmo na areia da praia fazendo mesmo como se fosse pescador [...]*” (*Seu*

Virgilino – em 07/09/2009).

A ideia de infância como um tempo feliz e próximo da natureza traduziu-se em mais um achado da pesquisa. Importante destacar que as localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, entre 1930 e 1950, permaneciam ainda distantes do centro histórico e político-administrativo da Ilha, este localizado na porção mais leste e mais próxima do continente, portanto, em alguns casos, deixando tais localidades praticamente isoladas e circunscritas num modo próprio de vida dessas freguesias⁶. Cascaes (1989), em suas pesquisas, percebeu esta situação de distanciamento, de isolamento e também registrou as facetas de um modo de vida que parecia estar condenado ao desmonte e ao esquecimento pelas ações dos interesses de modernização e urbanização que começavam a ser projetados e executados na região central da cidade pela elite política dirigente da época, e que não tardariam a chegar nessas localidades interioranas da Ilha. Em seus registros Cascaes (1989) destaca a existência de muitas árvores entre as casas, não existindo praticamente qualquer tipo de cerca, tudo era aberto. As crianças tinham grandes áreas de pastos para correr e brincar, além dos montes e praias. Depoimentos indicam uma infância colada à natureza, situando suas vidas de crianças junto das plantações de subsistência próximas às moradias e com liberdade para brincar junto da natureza como elementos importantes em sua formação humana. Foi o que enfatizou Dona Lucimar: *“Então tinha os cafezeiros e tinha um monte de frutas. Então tinha um córrego grande e tinha uma grotta. [...] Então, ali nós brincava muito! Depois nós brincava de pegar uma a outra.”* (Dona Lucimar – em 06/08/2009).

Nas narrativas do tempo passado de criança desses velhos, a infância era um tempo de brincar na rua, de brincar em grupo, de casinha e de fazer comidinha, de organizar dois times e brincar de bola, de brincar embaixo do cafezal, enfim, de brincar com possibilidade de interação com a natureza porque eram parte dela e porque viveram este tempo de infância numa época em que o modo de vida na Ilha (a pesca, agricultura e tradições) também se orientava pelos ciclos da natureza, regidos pelas mudanças das estações do ano e não pelos ditames da especulação do “mercado” imobiliário que tem influenciado e predominado drasticamente as relações sócio-econômicas e culturais na atualidade da cidade.

⁶ Segundo Ferreira (1988), *freguesia* significa povoação sob o aspecto eclesiástico. Ainda hoje em Portugal a expressão corresponde à menor unidade administrativa de um Concelho (Município). Muitas localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, desde o período do Brasil Colônia, foram nomeadas de freguesia. Destaque para as três mais antigas: Freguesia do Ribeirão da Ilha (1749), Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1750) e Freguesia Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa (1752). Na atualidade o uso do termo é mais recorrente entre os mais velhos moradores, descendentes de gerações passadas que povoaram a Ilha de Santa Catarina.

A transmissão intergeracional dos brinquedos e das brincadeiras foi mais uma dimensão da experiência lúdica de infância encontrada no campo investigado e aponta para as relações inter-geracionais. Bosi (1994) reafirma que o testemunho de um velho constitui uma experiência em profundidade, marcada por sentimentos de nostalgia e alegria, e inclusive de indignação com a perda de paisagens tidas como referências e de saudade dos entes queridos. Para a autora citada, os velhos entregam-se com plenitude aos seus tempos de criança, revelando detalhes valiosos de uma época passada, de rememoração ligada à transmissão intergeracional, também da experiência da cultura lúdica. Neste sentido, provocar o trabalho de memória nos velhos constitui condição necessária para a transmissão intergeracional, especialmente em contextos em que os velhos são colocados à margem dos processos societários contemporâneos.

No campo pesquisado, em depoimento Seu Bento assinalou a diferença e a mudança na transmissão intergeracional da cultura lúdica destacando que a geração imediatamente descendente da sua ainda podia brincar com muitos elementos da cultura lúdica da sua geração e que seus filhos ainda podiam confeccionar os próprios brinquedos e brincadeiras. Da mesma forma Dona Maroca destacou a aproximação existente entre a geração de seu pai e a sua, quanto aos cuidados relativos à transmissão da cultura lúdica, quando aquele costumava confeccionar e ensinava a fazer brinquedos, como a perna de pau, o carrinho de mão e o cavalinho de bambu. Destacaram, por fim, o fato das brincadeiras e dos brinquedos do tempo de infância dos entrevistados terem alcançado, com maior ressonância, o tempo de infância dos filhos, e tenderem ao desaparecimento no tempo de infância dos netos, que ainda brincam com brinquedos e brincadeiras de antigamente, mas são muito mais atraídos pelo mundo dos brinquedos tecnológicos. O depoimento de Seu Valdemar mostra a dimensão de permanência e mudança da cultura lúdica de infância perpassando as gerações: *“É, é..., eles ainda brincaram. Depois... [...] Sim, claro! Começou a mudar muito, até as músicas...”* (Seu Valdemar – em 03/08/2009).

O local de uma infância remota com imensidão de espaço para brincar constituiu outra dimensão lúdica da experiência de infância que emergiu nas narrativas do tempo de infância dos velhos ilhéus, guardiões de uma memória remota de cultura lúdica de tempos passados. Vários entrevistados contaram que as crianças daquela época brincavam pelas ruas das freguesias em que viviam e pelos grandes quintais das casas. Outrora, naquele espaço e tempo das infâncias dos velhos ilhéus, entre 1930 e 1950, havia um mundo de possibilidades para inventar brinquedos e brincadeiras, espaço aberto em meio à natureza, com segurança

para explorar, como sugerido no depoimento de Seu Bento ao evidenciar o fato de que no seu tempo de infância se criava as crianças a “rédeas soltas”⁷: “[...] *Se dizia: eram criados de rédeas soltas! [...] Sim, o que não se tinha, se inventava. [...] Todo mundo inventava. E tinha a brincadeira do boi, né? Se fazia com um pau segurando na frente. Botava... corria para um lado e para o outro... [...]*” (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009). Isto propiciava uma experiência de infância repleta de brinquedos e brincadeiras em meio à natureza, que se tornava, então, elemento constitutivo da cultura lúdica, pelas suas possibilidades à disposição das crianças daquele período, como por exemplo, a riqueza de materiais para a construção de brinquedos. As possibilidades eram variadas, seja oferecendo-se às crianças na forma de sombra para o sol, um pasto grande pelo qual as crianças podiam correr e rolar, uma extensão de areia de praia para também correr e cair sem se machucar. Essa dimensão lúdica da experiência de infância constitui um contraste com o cotidiano da infância atual marcada, cada vez mais, pela diminuição de espaços livres na cidade para brincar.

Criar as crianças a “rédeas soltas” pode traduzir também um sentido de liberdade segundo o qual as crianças cresciam e se desenvolviam junto de outras crianças do grupo familiar e de grupos vizinhos, em contato direto com a natureza, com os animais domésticos, portanto, colocadas diante de muitas situações em que necessitavam realizar escolhas, tomar decisões, muitas vezes sozinhas ou então no interior das dinâmicas de convivência dos grupos que integravam. As crianças também tinham que superar desafios e problemas de diversas ordens, implicando numa aprendizagem da cultura lúdica que tinha lugar no interior desses grupos de crianças. Brincar a “rédeas soltas” ainda estava relacionado ao fato das crianças viverem em freguesias onde prevaleciam interações sociais caracterizadas pelos cuidados recíprocos. Um modo de vida marcado por princípios de coletividade e solidariedade, típico destas comunidades interioranas da Ilha e ainda forte à época de infância dos moradores entrevistados, como testemunharam em suas narrativas. Tal condição permitia muitas trocas entre crianças maiores e menores, facilitando uma experiência única com as paisagens locais, naturais e construídas daquela época.

Lohn (2007) informa que estes locais de grandes espaços livres sofreriam as conseqüências do processo de transformação de Florianópolis, desencadeado nas décadas subseqüentes ao período de infância dos entrevistados, o qual buscou colocar a cidade num alinhamento com os parâmetros exigidos pela tendência crescente de modernização e urbanização, regida pela mercantilização do espaço, conseqüência de uma lógica de

⁷ Expressão utilizada por Seu Bento para caracterizar a infância de seu tempo que podia usufruir de extensos espaços livres no entorno das moradias para realizarem suas brincadeiras.

desenvolvimento para o país e reflexo de um modelo que se pretende global, suplantando os traços antigos que caracterizavam a cidade. Com relação a este processo de transformação da cidade, que Cascaes (1989b) via como um desmonte da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, ao longo dos últimos tempos, há dois aspectos pertinentes ao tema investigado: um esvaziamento gradativo da identidade açoriana, com o conseqüente desaparecimento e esquecimento de brinquedos e brincadeiras pertencentes a essa identidade; e a crescente diminuição de espaços abertos de uso relativamente livres por todo o território da Ilha, os chamados terrenos baldios, que costumavam ser utilizados pelas crianças para as suas brincadeiras (NASCIMENTO, 2009).

O reconhecimento dos registros de brinquedos e brincadeiras de Franklin Cascaes na rememoração dos velhos moradores entrevistados foi quase unânime com relação às brincadeiras e aos brinquedos registrados através das esculturas de argila, mostrados aos entrevistados em um conjunto de fotografias representando a dança do boi de mamão, os cavalinhos de folha de coqueiro e de cana do reino, menino soltando pandorga, menino jogando o pião e meninos jogando bolinha de gude. Dona Lucimar frisou o seu reconhecimento rememorando assim um trecho da brincadeira do boi de mamão: “*Mas era um cantar bonito! [...] [Cantarola:] Vem cá, vem cá, meu boi. Nosso boi morreu, o que será de mim, manda buscar outro, ó maninho, lá no Piauí. [risos] [...]*” (Dona Lucimar –em 06/08/2009). Os registros de brinquedos e brincadeiras feitas por Cascaes na forma de desenhos, pelo contrário, não despertaram nestes muitas lembranças, com exceção dos desenhos de algumas brincadeiras mais conhecidas, como a corrida do saco, a corrida do ovo na colher, a brincadeira de quebrar o pote e o pau de sebo. De todo modo, foi possível observar uma convergência entre os registros efetuados por Cascaes e a rememoração dos velhos moradores em relação aos brinquedos e às brincadeiras próprias da cultura lúdica de um tempo passado da Ilha de Santa Catarina e dos Açores. Destaco ainda que tanto os velhos açorianos “Daqui” quanto os de “Além-Mar” apreciaram com admiração e saudosismo as fotografias com os registros dos brinquedos e brincadeiras feitos por Cascaes.

A rememoração de outros brinquedos e outras brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores, como as cantigas de roda, mereceu igualmente destaque na pesquisa, pois Cascaes chegou a mencionar em seus registros brincadeiras de ciranda de roda, especialmente a da ratoeira, conforme indica o estudo de Piacentini (2010). Os entrevistados também rememoraram a ratoeira como uma brincadeira de roda com coreografia, canto e dominada pelas ações das meninas, embora os meninos formassem pares com elas. Outros brinquedos e

brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores não registrados na obra de Cascaes foram relatados como brincadeiras de roda, ou cantigas de roda, ou rondas infantis, tão presentes na cultura lúdica de infância dos tempos passados e, com menos intensidade, ainda alcançam ressonância no meio escolar no tempo presente. Dona Das Graças lembrou a roda infantil, denominada *onde está a margarida*, comum no seu tempo de criança e de professora primária no Grupo Escolar Olívio Amorim, onde ainda pôde brincar muitas vezes com seus alunos, como ela própria conta: “[...] *É uma moça, a margarida, aí a gente segura na saia da margarida, as meninas, né? E vem um menino e ele pergunta, né? deixa eu ver: [cantarola] onde está a margarida olé, olé, ola, onde esta a margarida olé, olé, olá...*” (Dona Das Graças – em 10/09/2009).

A experiência de construção dos brinquedos e das brincadeiras na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes foram confirmados em todas as narrativas do conjunto de entrevistados. Eles e elas, no tempo de suas infâncias, constituíam-se nos artífices de seus próprios brinquedos, aliás, o ritual de confecção dos brinquedos integrava o tempo da brincadeira, desde a busca pelo material, que era geralmente encontrado no meio natural, ou de restos aproveitados do mundo de trabalho dos adultos. Destaca-se que a produção dos próprios brinquedos estava ligada ao fato de que a vida das crianças transcorria bem próxima ao mundo de trabalho dos pais, o qual se situava no entorno da moradia: no cultivo da terra, na lida com a criação dos animais, no trabalho do engenho de farinha, nas atividades derivadas da pesca junto aos ranchos dos barcos e das canoas. Seu Bento expôs assim o processo de confecção do brinquedo pandorga: “*Isso... Eu sabia fazer pandorga naquele tempo. Na casa da minha avó lá eu fazia. Então eu dizia prá eles: - vocês trazem o papel, os vizinhos, né? Que eu entro com a cola e as varetas.*” (Seu Bento – em 04/07/2009).

Dessa forma, entendo que as crianças, no tempo de infância de Seu Bento e dos outros velhos moradores entrevistados em “Açores Aqui” e em “Açores Além-Mar”, ao produzirem muitos de seus brinquedos, também produziam e reproduziam cultura. Um exemplo marcante da confecção de brinquedo foi dado por Seu Valdir, um açoriano de “Além-Mar”, que costuma construir um brinquedo chamado de “cri-cri” para presentear as crianças. O “cri-cri”⁸ é um brinquedo musical feito com cana do reino ou bambu e que emite um som que se assemelha ao som produzido pelos grilos. Para Seu Valdir, poder construir brinquedos antigos

⁸ Na entrevista realizada na Freguesia de Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores (PT), Seu Valdir apresentou ao pesquisador o “cri-cri”. Este brinquedo está registrado num livro de João Amado, pesquisador português de brinquedos e brincadeiras populares tradicionais.

do seu tempo de infância representa uma forma de se re-encontrar com o passado e, ao mesmo tempo, por meio de um brinquedo, de dizer deste passado às crianças, pois os brinquedos e as brincadeiras costumam encantá-las. Importante destacar que a experiência de construir brinquedos como a de brincar era, em geral, coletiva, em grupos e com forte relação com o ambiente.

Os lugares de infância na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes também proporcionaram alguns achados em relação às características dos locais de antigamente para brincar, predominante, área livre, aberta e grande, portanto, adequada ao mundo de brincadeiras das crianças da geração dos entrevistados, onde podiam brincar de pega-pega, de pular corda, de bolinha de vidro e outros.

Observou-se, também, que essa escavação do passado possibilitou que os velhos ilhéus açorianos, “Daqui” e de “Além-Mar”, experimentassem um momento de reconciliação com o passado, à medida que rememoravam, visualizando as fotografias, disparavam suas memórias de infância e, simultaneamente, deixavam pistas, rastros dessas experiências passadas para o presente e futuro. O resultado das reminiscências dos entrevistados constitui indícios do que pensam a respeito do presente da cidade e, ao mesmo tempo, pistas de sua percepção sobre o futuro, que pode ser assim sintetizado: a cidade enveredou pelos caminhos do progresso, da modernização e urbanização, com crescente privatização dos espaços públicos, sem considerar a necessidade de salvaguardar áreas extensas, livres e abertas para as manifestações de cidadania e cultura infantil (o brincar), tal como indica Perrotti (1990, p. 24), o “espaço-livre é condição indispensável para a constituição da cultura infantil [...]”. No entendimento desse autor, esse fenômeno também trouxe implicações para a cultura lúdica de infância, pois o mundo da criança sofreria fortes transformações, lembrando que Florestan Fernandes já havia observado essas decorrências do processo crescente de urbanização, na São Paulo dos anos 1940, com implicações danosas para a desintegração dos grupos infantis, processo que ocorre nas décadas seguintes em Florianópolis. Nesta rede de relações, as crianças tornam-se cada dia mais reféns de lugares fechados, mudando significativamente o ambiente, a cultura material e imaterial da infância atual.

Observa-se, além dessas relações de tensão entre tradição e modernidade que atravessaram a investigação e que necessitariam mais dados e reflexões, certo estranhamento, um desconforto com esta mudança de costumes e modo de vida colocada pela modernidade, no caso, aqui, na Ilha de Santa Catarina, com o aumento exponencial da população e uma apropriação privada crescente do espaço para fins imobiliários. A entrada no debate sobre

tradição e modernidade também poderia ajudar a compreender porque, geralmente, algumas tentativas de re-vivência de brincadeiras e brinquedos tradicionais populares terminam por tratá-los apenas como uma coisa do passado e “folclórica”, como algo destituído de força de tensão frente à hegemonia dos brinquedos produzidos pela indústria cultural, em vez de observá-los como um elemento de memória e tensão frente aos imperativos da ordem político-social dominante do capitalismo, esta cada vez mais com características da chamada pós-modernidade ou modernidade líquida, conforme denuncia Baumam (2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, cabe destacar que esta pesquisa realizou incursões intergeracionais também com finalidades pedagógicas, voltada aos processos educacionais nos âmbitos formais (escola), informais (grupos espontâneos) e não-formais (grupos e movimentos sociais organizados). Destacam-se os desafios ontológicos, epistemológicos e político-pedagógicos, no sentido de tencionar a produção cultural das crianças e velhos. Aos velhos cabe a tarefa emancipatória de se apropriar das lembranças vivas presentes nos baús da memória. Às crianças cabe a possibilidade de, a partir da sua inserção crítica e criativa na vida cotidiana - juntamente com os velhos e adultos (educadores) - criar história e cultura. A ambos cabe a tarefa de se apropriar das chaves para a interpretação e transformação de práticas sociais lúdicas, práticas essas situadas nas possíveis mediações entre tradição e modernidade.

Os achados aqui apresentados constituem bons indicativos de perspectivas para a cultura lúdica de infância, pautada nos brinquedos e brincadeiras tradicionais, para se pensar e organizar intervenções pedagógicas intergeracionais em ambientes formais e não formais de educação, onde infância e velhice, crianças e velhos possam se encontrar mediados por adultos.

Novas indagações, derivadas da investigação, podem ainda ser pensadas e uma das mais significativas pode ser assim formulada: *que possibilidades de contribuição a partir das dimensões lúdicas da experiência de infância escavadas aqui na memória dos velhos entrevistados poderiam se traduzir em elementos para se pensar a intervenção pedagógica com crianças na contemporaneidade?* Uma primeira consideração seria a de que a possibilidade de encontro entre velhos e crianças, por si só, já seria interessante, pois, como vivem nas pontas da vida e fora dos esquemas de obrigações e responsabilidades produtivas da sociedade, esses indivíduos estão mais desarmados e disponíveis para se encontrar e para realizar trocas, especialmente na dimensão lúdica da experiência da vida.

Face à crescente urbanização das cidades torna-se tarefa fundamental pensar quais os

potenciais e as perspectivas da cultura lúdica de infância estão expressas nos brinquedos e nas brincadeiras tradicionais. Entre tradição e modernidade cabe ainda explorar a tensão dialética onde pode “[...] o presente, em correspondência com o passado, aparecer como o passado de seu próprio futuro, anulando, na atualidade, a marcha monótona da história.” (CASTRO, 2009, p. 213-214). Desafio também epistemológico, quanto político e pedagógico que se busca enfrentar.

THE PLAYFUL CULTURE OF THE CHILDHOOD IN ELDER’S MEMORY: A RECOLLECTION BY REFERENCE TO RECORDS OF FRANKLIN CASCAES’ WORK.

ABSTRACT

Investigation (Research) developed based on oral history that attempted to answer the following objectives: to characterize the experience of childhood in the memory of the old residents of the Island of Santa Catarina (Brazil) and the Azores (Portugal), through deep interviews, starting from records of toys and games from the work of Franklin Cascaes, and seeking if the old islanders knew or shared the playful culture contained in the records of the folklorist-artist. The playful dimensions of childhood experience were characterized by toys and games that resembled the adult world, a place in childhood with an immensity of space letting it “play it loose”, through the recognition of the people interviewed on the records of toys and games made by Franklin Cascaes.

KEYWORDS: Childhood; Memory; Toys; Games.

LA CULTURA LÚDICA DE LA NIÑEZ EN LA MEMORIA DE VIEJOS: UNA REMEMORACIÓN CON REFERENCIA EN LOS REGISTROS DE LA OBRA DE FRANKILN CASCAES.

RESUMEN

Investigación desarrollada mediante la Historia Oral que trata de cumplir con los siguientes objetivos: caracterizar la experiencia de la niñez en la memoria de viejos de la isla de Santa Catarina (BR) y las Azores (PT), a través de entrevistas en profundidad, desde registros de juguetes y juegos en la obra de Franklin Cascaes, y percibir si los viejos sabían o compartían la cultura del juego contenida en los registros del artista y folclorista. Las dimensiones lúdicas de la experiencia de la niñez se caracterizaron por juguetes y juegos que imitaban el mundo de los adultos, a un lugar de la niñez con una inmensidad de espacio para jugar a rienda suelta, por el reconocimiento de los entrevistados acerca de los registros de juguetes y juegos realizados por Franklin Cascaes.

PALABRAS CLAVE: Niñez; Memoria; Juguetes; Juegos.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. ; HASSE, M.. *Jogos tradicionais infantis*. Lisboa (PT): Instituto de Apoio à Criança, 1992.
- BAUMAN, Z.. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BENJAMIN, W.. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.
- BOSI, E.. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- CASCAES, F.. *Franklin Cascaes: vida e arte, e colonização açoriana*. 2. ed., Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.
- CASTRO, C.. A arte de caças borboletas. In: SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (Orgs.). *Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2009.
- FERREIRA, A. B. de H.. *Dicionário aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1. ed., 1988.
- GAGNEBIN, J. M.. Walter Benjamin: memória, história e narrativa. *Mente, cérebro e filosofia*, São Paulo, n. 7, p. 58-67, 2008.
- GUSMÃO, N. M. M. de. *Infância e velhice: pesquisa de ideias*. Campinas: Editora Alínea, 2003.
- LOHN, R. L.. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 297-322, 2007.
- MEIRA, D. A.. *Rompendo silêncios: a trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941 – 1970)*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, UDESC, Florianópolis, 2009.
- NASCIMENTO, L. C. Z.. *Espaços e equipamentos urbanos para o lazer da juventude na cidade de Florianópolis-SC*. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFSC, Florianópolis, 2009.
- OLIVEIRA, P. de S.. *Brinquedo e indústria cultural*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- PERROTTI, E.. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *A produção cultural para a criança*. 4. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- PIACENTINI, T. A.. *Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.
- PORTELI, A.. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 7-24, 1997.